

# PAZ

*e da rebeldia*

**ELISA MONTEIRO**

elisamonteiro@adufjrj.org.br

**A**dolfo Pérez Esquivel é defensor de uma paz ruidosa, de muitas e UFRJ, o argentino detentor do Prêmio Nobel da Paz de 1980 teve Tirou o fôlego das plateias por onde passou, incitando “rebeldia intelectual e espiritual” frente às injustiças. “A Universidade deve ter um compromisso com o Estado livre. Aberta ao povo e não fechada em si mesma”, advertiu. Em ato na Faculdade Nacional de Direito, homenageou Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes e afirmou que “não pode haver paz sem justiça”. Também espalhou otimismo: “Apesar das dificuldades, é preciso ter alegria interior para continuarmos a luta”. Esquivel deu a aula magna da UFRJ no dia 18, no Centro de Ciências da Saúde, e anunciou o desejo de visitar o ex-presidente Lula na prisão, em Curitiba - visita que, até esta quinta-feira, não fora autorizada pela Justiça Federal. Esquivel falou com exclusividade ao **Boletim da Adufjrj**. Confira a seguir:

### Como o senhor vê o cenário dos direitos humanos hoje na América Latina?

Hoje há um retrocesso enorme. As democracias estão em perigo, houve aumento da pobreza e da exclusão social. Vivemos golpes de Estado encobertos. Tentaram fazer com Hugo Chávez, na Venezuela; na Bolívia, com Evo Morales; com Rafael Correa, no Equador. Conseguiram com Manuel Zelaya, em Honduras, e Fernando Lugo, no Paraguai. Houve a experiência com Dilma Rousseff. Agora contra Lula, para tirá-lo do cenário. É uma política continental para evitar que partidos do povo voltem ao poder.

### O senhor move campanha internacional pela liberdade do ex-presidente Lula e pela indicação dele ao Nobel da Paz. Qual a expectativa desta articulação?

Há solidariedade internacional a Lula em diversos países. Em pouco tempo, ultrapassamos 250 mil assinaturas. Lula retirou da miséria extrema 36 milhões de brasileiros e brasileiras. Nenhum outro governo conseguiu algo assim. O impedimento de sua candidatura a presidente é um fato importante para os direitos humanos. Esperamos reverter esse processo. Temos que tirar Lula do cárcere, sim ou sim.

### Ativistas como Marielle são a ponta mais frágil da luta pelos direitos humanos?

Infelizmente, execuções de defensores dos direitos humanos e jornalistas são uma realidade constante. Essas mortes nos afetam a todos, pois os atentados visam à paralisação das organizações que lutam pelos direitos humanos. Marielle foi uma mulher extraordinária. E, para mim, é como dizem: uma semente viva.

### Qual o papel da universidade nesse tema?

Gerar conhecimento e também valores. Se ela se omite no tema dos direitos humanos, não está cumprindo corretamente seu papel.

## OUSADIA FAZ A UFRJ, AFIRMA REITOR

■ “O que faz a UFRJ ser a UFRJ é a ousadia e a responsabilidade com o bem-estar dos povos” afirmou o reitor Roberto Leher, durante a aula magna de Esquivel. “A universidade pública é um espaço que requer a liberdade ilimitada. Para isso, precisa

estar ao lado dos direitos humanos e comprometida com a ética pública”. O reitor defendeu a liberdade como bem inerente à universidade. Criticou o cerceamento aos trabalhos acadêmicos, como a censura do MEC aos docentes que

oferecem disciplinas analisando a golpe de Estado contra a presidente Dilma. Lamentou ainda a condução coercitiva do reitor da UFMG, Jaime Arturo Ramirez, e os eventos que levaram ao suicídio do ex-reitor da UFSC Luiz Carlos Cancellier.

# Preconceito na Medicina

> **Diretor da Faculdade condena LGBTfobia e promete punição. Curso debaterá tema**

FERNANDA DA ESCÓSSIA  
fernanda@adufjr.org.br

**A**ções concretas para combater décadas de preconceito contra LGBTs. Assim alunos e professores da Faculdade de Medicina da UFRJ, uma das mais tradicionais do país, tentam reagir a uma rotina incômoda, que inclui de piadinhas a ameaças. O relato mais contundente veio do estudante Gustavo Amorim, que compartilhou nas redes o que viveu.

“A humilhação era constante. ‘Veado não pode fazer urologia’, disse um professor. ‘Veado faz toque retal sem luva’, dizia o médico na aula prática. ‘Essas bichas dão o (\*) e depois vêm reclamar que pegam HIV’, disse outro. ‘Você é muito afeminado. Se contenha na enfermagem’, disse meu preceptor de clínica médica. ‘Ainda bem que não veio aquele veado, senão tacaria fogo nele’, disse o anestesista durante um plantão na maternidade-escola. A cada ofensa, a dor aumentava”, escreveu ele num post.

Diante da repercussão, Gustavo foi convidado para a reunião da Congre-



GUSTAVO: coragem de denunciar LGBTfobia

gação da Medicina. Professores se solidarizaram. “Alguns sentem esse tipo de coisa, mas se calam. Todos sabem quem são os preconceituosos”, conta Gustavo, que, de modo informal, levou os nomes dos agressores à direção da Faculdade.

A Congregação aprovou nota de repúdio contra qualquer forma de preconceito. O diretor da Faculdade, Roberto Medronho, disse que não compactua com casos assim e que, caso receba oficialmente os nomes dos responsáveis, será aberta sindicância – o que é difícil, pois os alunos temem retaliações. “O preconceito é inadmissível, ainda mais num lugar de Medicina e Educação. Um médico, que fez juramento para salvar pessoas, não pode ter esse tipo de comportamento”, afirmou Medronho.

Antes e depois de Gustavo, outros alunos sofreram LGBTfobia – e puxar o fio das histórias é desenrolar um novelo

de humilhações cotidianas, que doem de novo quando lembradas. “No bandeirão, um cara me olhou. Outro disse: ‘Achou bonita? Espera tirar a roupa para ver o que tem’. Sofri no bandeirão, no hospital, em todo lugar. Mas houve coisas boas, apoio de professores maravilhosos”, conta Helena Maria de Souza, que no ano que vem será a primeira trans a se formar em Medicina na UFRJ. Estudantes formaram o Coletivo Diversidade LGBT e estão alertas a novos episódios. A Faculdade montou uma Comissão de Direitos Humanos para acompanhar violações e está criando um site para denúncias anônimas. Um inédito workshop sobre saúde LGBT acontecerá em maio no IPUB (Instituto de Psiquiatria), com apoio da professora Erotildes Leal.

“LGBTs têm demandas, mulheres trans usam hormônios. Queremos estudar isso”, diz um dos organizadores do workshop, o aluno Laerte Fontes, membro do coletivo LGBT. Outra possibilidade é uma disciplina de saúde LGBT – para que o debate não se encerre, cobra a aluna Rachel Oliveira, bissexual: “Isso deu visibilidade ao problema. Mas preconceito não acaba da noite para o dia.”

## MEMÓRIA

### ESQUADRÃO FAZIA TROTE VEXATÓRIO

■ A Faculdade de Medicina já teve uma fraternidade, o Esquadrão de Bombas, que comandava o trote vexatório, com humilhações dos calouros. As calouras eram submetidas a assédio constante. Uma canção popular na faculdade dizia que “Medicina não é coisa de menina”. O Esquadrão ameaçava LGBTs e, nas festas, proibia casais do mesmo sexo. Em 2013, calouros foram obrigados a entrar numa piscina com urina. O trote vexatório e o Esquadrão foram proibidos.

sáveis por estas atitudes se encontram numa função em que detêm algum poder sobre aqueles que são alvo de seus comentários. Esta Faculdade empreenderá todos os esforços para que isto não mais ocorra e tomará todas as medidas cabíveis para a punição de quem assim o fizer.”

## NOTA DE REPÚDIO DA FACULDADE DE MEDICINA CONTRA DISCRIMINAÇÃO

■ O documento, aprovado em 12 de abril, lembra a Declaração Universal de Direitos Humanos e o papel da educação. Alguns trechos: “A Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro manifesta seu mais profundo repúdio a qualquer manifestação de discriminação seja

de que ordem for a qualquer membro de seu corpo social (docentes, discentes e técnicos-administrativos). Não é concebível que uma instituição cuja missão envolva a Educação e a Saúde seja palco de comentários que exponham, ridicularizem e ofendam quem quer que seja. Mais intolerável ainda quando os respon-

# Mais uma investida do TCU contra as universidades

> **Tribunal cobra que docentes cumpram oito horas de sala de aula. Professores mostram que rotina acadêmica vai além das quatro paredes**

ISABELLA DE OLIVEIRA E  
KELVIN MELO  
comunica@adufjr.org.br

**C**ausou preocupação na comunidade da UFRJ uma decisão do Tribunal de Contas da União exigindo que professores cumpram oito horas semanais em sala de aula. Para os docentes, a decisão reduz a concepção do ensino universitário e mostra que o TCU não entende a rotina acadêmica. Sob a justificativa de controlar a jornada de trabalho dos professores, o acórdão 2.729, de dezembro, acrescenta a expressão “em sala” à previsão das oito horas de aula semanais, mínimas e obrigatórias, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

O trabalho da diretora do Instituto de Psicologia, Maria Tavares, é um exemplo de atividade docente fora da sala de aula tradicional: “Fico quatro horas na Clínica da Família de Manguinhos, com estudantes. É tempo de aula”, afirma.

“A Bioquímica toda seria afetada. A universidade não é o que o TCU acha que é”, reforça a diretora do Instituto de Bioquímica Médica, professora Lina Zingali. “Eles falam em sala de aula, e a LDB em aula. O acórdão é limitado”.

A Adufrj participou de reunião no CCS, promovida pelo Sintufjr, para

discutir o assunto com a Pró-reitoria de Pessoal, dia 11. “Não somos contrários a avaliações e controle. Pelo contrário. Mas estamos atentos às ingerências sobre a autonomia da universidade”, afirmou Maria Lúcia Werneck, presidente da associação docente. A assessoria jurídica da Adufrj destaca que professores têm direito ao contraditório, caso questionados sobre suas atuações.

### TRANSPARÊNCIA

O documento do TCU cobra mais transparência na divulgação de atividades docentes da universidade. Em resposta ao acórdão, a Pró-reitoria de Pessoal informou que foi criado um grupo de trabalho com representantes dos centros universitários, Macaé, Caxias, das pró-reitorias de Graduação, de Pós-Graduação e de Extensão: “Vamos trabalhar uma proposta de atualização da Resolução 01/1999 CEG/CEPG (que dispõe sobre a carga horária docente) e submeter aos colegiados superiores. A ideia é lançar mão da autonomia universitária para definirmos como vamos funcionar”, diz o pró-reitor de Pessoal, Agnaldo Fernandes. “A LDB fala em atividades de aula. É com essa definição que trabalharemos. Na próxima reunião do GT, definiremos um cronograma para informar à comunidade universitária”.

### AUDITORIA DO TCU

O relatório que fundamenta o acórdão do TCU diz que a UFRJ foi selecionada para a fiscalização por movimentar muitos recursos e pela “quantidade significativa de indícios de descumprimento de jornada”. Em auditoria realizada de maio a setembro de 2017, técnicos do TCU analisaram dados dos docentes entre o segundo semestre de 2012 e o primeiro semestre de 2017, nos quais teriam encontrado “alto índice de inconsistências”. Houve um teste amostral em três unidades: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Odontologia e Faculdade de Medicina. Teriam sido identificados professores com cargas semanais ‘em sala de aula’ abaixo do mínimo de 8 horas.

### DEDICAÇÃO EXCLUSIVA

A Polícia Federal investiga supostas violações ao regime de dedicação exclusiva por professores dos cursos de Comunicação, Geologia e Medicina da UFRJ. Memorando da PR-4 solicita que os servidores respondam a questionário sobre o assunto até 10 de maio, “face ao inquérito policial 0906/2016”. A assessoria jurídica da Adufrj está disponível para esclarecer todas as dúvidas sobre o tema. Os sindicalizados devem agendar atendimento no telefone 2260-6368.

A Adufrj convida para o debate:

26

abril

quinta-feira

13h

## INTERVENÇÃO: SOLUÇÃO OU PROBLEMA?

**CONVIDADOS**

**RUBEM CÉSAR FERNANDES**  
(antropólogo e diretor do Viva Rio)

**LUIZ EDUARDO SOARES**  
(antropólogo e ex-secretário de Segurança Pública)

**MICHEL MISSE**  
(sociólogo e professor do IFCS)

**MEDIADORA**

**MARIA LÚCIA WERNECK**  
(presidente da Adufrj)

**BLOCO D, SALA 220, 2º ANDAR, CENTRO DE TECNOLOGIA DA UFRJ (FUNDÃO)**

FERNANDA DA ESCÓSSIA

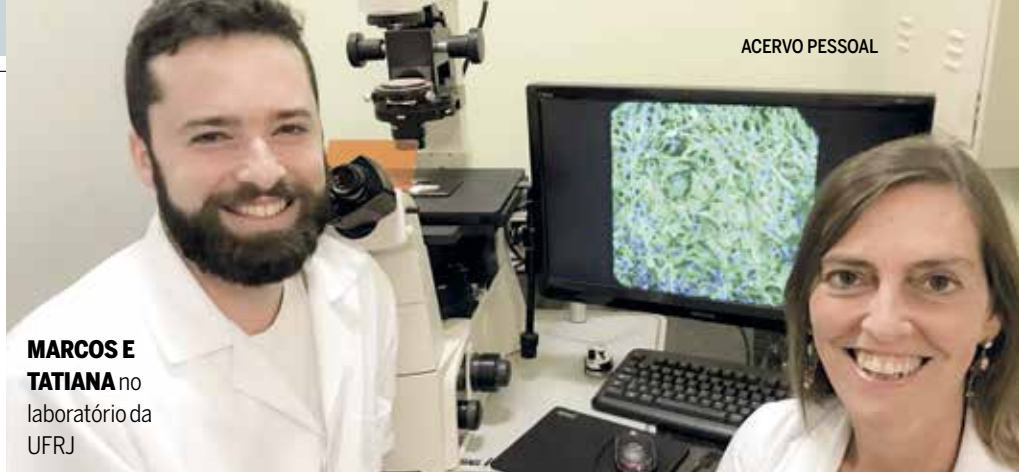
fernanda@adufjr.org.br

**P**esquisadores da UFRJ desenvolveram uma droga sintética, a polilaminina, que, em testes com ratos, mostrou capacidade de regenerar lesões de medula. A fase de estudos clínicos está começando agora, com pacientes dos Hospitais Souza Aguiar, no Rio, e Azevedo Lima, em Niterói, que tenham sofrido lesões medulares.

Nos testes com animais, em caso de lesões moderadas, os movimentos foram totalmente recuperados. Quando o corte da medula foi completo, houve recuperação parcial dos movimentos. A polilaminina foi patenteada em 2007 no Brasil pelos pesquisadores do Laboratório de Biologia da Matriz Extracelular da UFRJ, mas só agora foi possível iniciar os testes clínicos.

A pesquisa é coordenada pela professora Tatiana Sampaio, do Instituto de Ciências Biomédicas e diretora da Adufrj. O trabalho começou em 2000, quando a equipe sintetizou em laboratório a polilaminina, um biofármaco capaz de recompor a estrutura original da laminina, proteína existente no corpo humano.

O segundo passo foi achar uma função para a polilaminina e saber em que tipo de terapia ela podia ser utilizada. O grupo descobriu que a droga era capaz de estimular a reconstrução espontânea da medula espinhal ou mesmo do cérebro. Pela primeira vez, chegou-se a uma droga



**MARCOS E TATIANA** no laboratório da UFRJ

# DESCOBERTA

> **Pesquisadores da UFRJ testam em humanos droga que pode regenerar lesões da medula**

sintética capaz de estimular um processo natural que, por alguma razão, estava bloqueado.

Artigo recente publicado pelos pesquisadores no “Journal of Neuroscience”, prestigiado periódico científico, mostra que a laminina está presente em nichos no cérebro que abrigam células-tronco responsáveis pela formação de novos neurônios, a chamada neurogênese. A polilaminina, ao reconstituir a estrutura da proteína original, permite a recomposição da área afetada por lesões.

O artigo foi escrito em colaboração com o pesquisador Marcos Assis Nascimento, do Instituto de Biofísica. Também participam do projeto pesquisadores da

Universidade de Münster, na Alemanha. Os testes com pacientes envolverão mais de uma dezena de profissionais, inclusive equipes dos hospitais envolvidos. A descoberta foi noticiada com destaque no jornal O Globo no dia 19 de abril.

Para os testes com humanos, Tatiana destaca que os candidatos devem se adequar a vários critérios, desde idade e questões de saúde até características da lesão. A droga tem de ser aplicada em até três dias. “Vamos partir agora para a fase mais difícil, a clínica. Sabemos que isso abre caminho para buscar terapias para doenças que envolvem lesões de células nervosas, como o Alzheimer. É uma pesquisa de uma vida”, resume.

**SERVIÇO:** O Boletim e o site da Adufrj estão à disposição de pesquisadores da UFRJ para divulgação científica de trabalhos acadêmicos. Contato: [comunica@adufjr.org.br](mailto:comunica@adufjr.org.br)

## PROFESSOR CADEIRANTE ENSINA TÊNIS ADAPTADO

DIVULGAÇÃO

■ Médico, cadeirante, tenista, atleta paralímpico. José Carlos Morais, professor da Faculdade de Medicina da UFRJ, é um dos precursores do tênis adaptado no Brasil e o primeiro brasileiro a participar de uma paralimpíada na modalidade, em Atlanta-1996. Graduado pela Universidade Católica de Pelotas, ele veio ao Rio fazer residência médica em Patologia na UFRJ, em 1972, quando um assalto alterou seus planos.

“A minha vida ia ser estudar, casar com a namorada de adolescência e trabalhar. Um tiro mudou tudo”, diz. Ficou paraplégico, e durante o processo de reabilitação conheceu o esporte. Foi a três Paralimpíadas (em 1980, como



**MORAIS:** “Tive de mostrar que a vida é possível”

jogador de basquete, 1984, como chefe da delegação brasileira, e 1996, como tenista) e nove mundiais. Treinava cinco vezes por semana. Mas se manteve em sala de aula: “Era puxado, mas conseguia conciliar”. Uma das principais lembranças é entrar

em um estádio olímpico: “Escutar a plateia gritar ‘Brasil, Brasil!’ gera uma emoção indescritível”.

Morais criou e coordena o projeto Cadeiras na Quadra, que ensina crianças e adultos paraplégicos a jogar tênis adaptado. “São 15 alunos. A idade mínima para iniciar é de 6 anos”, explica. Localizado em um centro esportivo em Itacoatiara, na região metropolitana de Niterói, o projeto fornece cadeiras, raquetes e todo material necessário. O professor quer criar mais unidades. Quarenta e cinco anos depois do assalto que o vitimou, Morais lançou o livro “Roda Vida, Memórias de Cadeirante”. “Tive uma história que deu certo. Não tive que superar, tive de aceitar e mostrar que a vida é possível”, explica.

**ISABELLA DE OLIVEIRA**  
isabella@adufjr.org.br